

Grupo Omega de Estudos Holísticos e Transpessoais



MARIA HELENA NEVES DE ALBUQUERQUE

ESTUDO DE CASO CLÍNICO

Uma experiência que deu certo

Salvador

2010

MARIA HELENA NEVES DE ALBUQUERQUE

ESTUDO DE CASO CLÍNICO

Uma experiência que deu certo

Estudo de Caso apresentado ao Grupo Omega
para a obtenção de título de Formação
Profissional em Terapia Transpessoal.

Orientador: Mario Risso

Salvador

2010

AGRADECIMENTOS

Ao Poder Absoluto (Deus) e aos Mestres da Espiritualidade.

A Carl Gustav Jung, pelo legado deixado à humanidade, um veículo para a conquista do meu aprendizado na busca do autoconhecimento e visão interior.

À memória do meu Pai Francisco e de minha mãe Helena, cujas presenças marcantes serviram de inspiração a realização dos meus projetos existenciais.

Ao meu esposo Gileno e à minha filha Aline, carinhosos seres humanos dotados de imensa compreensão e incentivo até mesmo nas horas que foram suprimidas do nosso convívio.

Aos Docentes, Discentes e Diretores do Grupo Omega, especialmente a Carla Mirelle e Mario Risso, pelo incentivo e apoio institucional.

À coordenadora Vera Eça, pelas orientações pedagógicas.

Às queridas secretárias do Omega, Patrícia e Cintia, sempre presentes com um olhar e respostas amorosas às minhas necessidades e indagações, quando solicitadas.

À Terapeuta Transpessoal Simone Lustosa pela dedicação e sabedoria científica, apoiando-me nos porões do inconsciente.

À colega Miralva Alexandre, amorosa companheira de equipe, sempre presente nas horas de decepções e alegrias.

Ao dileto amigo, professor e Doutor em Física, Hélio Silva Campos pelos milhares de vezes que lhe foi solicitado orientações e apoio sobre os fundamentos da teoria Junguiana.

"Quando não há motivos suficientemente imperiosos para a manutenção do segredo inventam-se ou 'arranjam-se' segredos que só são 'conhecidos' ou 'compreendidos' pelos que têm o privilégio de iniciação".

Jung

RESUMO

Este artigo teve como objetivo, realizar um ‘estudo de caso clínico’ à luz da abordagem Junguiana e técnicas da Psicologia Transpessoal. A análise terapêutica foi sobre um ser humano que vivia uma relação homossexual que o levou ao aprisionamento do seu “ser”. Durante o processo de ‘individuação’ percebeu os seus mecanismos inconscientes e partiu para uma nova vida livre dos entraves da relação.

Palavras Chaves: Psicologia Analítica, Individuação, Sexualidade, Sombra, Persona

ABSTRACT

This article aimed to achieve a 'clinical case study' approach in the light of Jungian and transpersonal psychology techniques. The analysis of therapy was about a human being living in a homosexual relationship that led to the imprisonment of his "being". During the process of 'individuation' realized their unconscious mechanisms and moved to a new life free of obstacles in the relationship.

Keywords: Analytical Psychology, Individuation, Sexuality, Shadow, Persona

SUMÁRIO

1 APRESENTACÃO.....	7
2 A CIÊNCIA TRANSPESSOAL PELOS CAMINHOS DA TRANSFORMAÇÃO.....	9
3 COMO SE INICIA O TRABALHO.....	18
4 O DESENROLAR DO PROCESSO.....	31
4.1 História Clínica.....	31
4.2 História de Vida.....	32
4.3 Situação Atual.....	34
4.4 Conhecendo a Relação das Personagens.....	35
4.5 Vivenciando o Processo de Individuação.....	39
5 UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO.....	44
6 CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 APRESENTAÇÃO

Neste texto analisamos à luz da Psicologia Transpessoal e Analítica, um ‘caso clínico’, como objeto de estudo e requisito final para a obtenção do título de Formação Profissional, em Terapia Transpessoal do Grupo Omega.

O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa qualitativa, que consiste numa investigação sistemática de uma instância específica. A unidade de análise desta modalidade de atendimento pode ser uma pessoa, um grupo, ou uma instituição, onde cada qual é tratado como uma entidade ‘única’ e ‘singular’

Entretanto, para concretizar esta proposta inicial, informamos aos nossos leitores que, o processo de ‘individuação’ (Jung, 2006) foi baseado na história de um ser humano inserida num contexto clínico. Para nos situar melhor dentro deste processo de cura, pesquisamos algumas concepções de psicólogos clínicos, estudiosos da teoria Junguiana e precursores da da transpessoal, os pilares que guiaram a prática terapêutica.

Quando falamos do contexto da clínica e da sua prática, temos que pensar na construção do que se dá neste espaço. Um local onde não se trata apenas de receber o paciente entre quatro paredes, tendo a ‘cura’ como promessa. É um espaço para ‘cuidar’ e ‘escutar’ considerando a existência do outro, a sua subjetividade e singularidade. Nesta relação de cura há uma construção mútua entre terapeuta e paciente, cuja história de vida é compartilhada e as alternativas de fortalecimento do ego são construídas para que as dificuldades e problemas existenciais sejam resolvidos.

De acordo com as concepções apreendidas neste processo e, ainda para que os resultados sejam obtidos e ocorra uma eficácia da psicoterapia, torna-se necessário a supervisão do caso clínico, a etapa culminante do treino do terapeuta.

Neste 'estudo de caso', o método adotado foi o relato da dinâmica das sessões. Sendo que, o supervisor foi o Psicólogo Mario Risso, diretor do Grupo Omega. As supervisões foram quinzenais e a cada duas sessões terapêuticas, tinha uma sessão de supervisão com duração de uma hora, cada.

A função do supervisor nesta prática é clarear o caminho do terapeuta. Nortear a sua conduta e quando falamos em conduta terapêutica, entram em cena os princípios éticos que estão baseados no código de Ética Profissional do Psicólogo. Segundo o artigo 17 deste código, a função do supervisor é esclarecer, informar e exigir dos estudantes a observância dos princípios e normas contidas no código.

O código de Ética do psicólogo direciona e estabelece padrões esperados quantos às práticas referendadas por esta categoria profissional, procurando fomentar a auto-reflexão exigida de cada indivíduo acerca de sua práxis, de modo a responsabilizá-lo pessoal e coletivamente por ações e consequências no exercício profissional.

De acordo com o Artigo 10, é dever de o psicólogo respeitar o sigilo profissional, a fim de proteger por meio da confidencialidade a intimidade das pessoas, grupos ou organizações a que tenha acesso no seu exercício profissional. O artigo 16, inciso C, estabelece que o psicólogo garantirá o anonimato das pessoas, grupos, organizações e comunidades envolvidas no seu trabalho.

Então o histórico analítico deste caso clínico obedeceu às normas do código de Ética acima referendado. As informações foram autorizadas pela cliente e os nomes aqui adotados são fictícios, para preservar as suas imagens.

2 A CIÊNCIA TRANSPESSOAL PELOS CAMINHOS DA TRANSFORMAÇÃO

Na história da humanidade encontramos em tempos em tempos, a mudança de paradigmas. Os modelos de explicações e interpretações da realidade que vigoram por determinado tempo e que são aceitos pela sociedade como verdadeiros: "[...] Indica toda a constelação de crenças, valores, procedimentos e técnicas no consenso de uma comunidade determinada" (CREMA, 1989, p.18).

Por outro lado, na época medieval a visão do mundo era refletida com a interdependência dos fenômenos espirituais e materiais. A ciência medieval era baseada na razão e na fé, buscando apenas compreender o significado das coisas. Neste contexto científico vale observar a concepção ora descrita: "A noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como se ele fosse uma máquina, e a máquina do mundo converteu-se na metáfora dominante da Era Moderna" (CAPRA, 1982, p.49).

De fato, essa transformação foi causada por novas descobertas na física e na astronomia, culminando nas realizações de alguns pensadores, como Galileu, Bacon, Descartes e Newton. Deste modo, houve a distinção entre 'espírito' e 'matéria' e este último aspecto se tornou o objeto de estudo da humanidade

Neste caminhar pelo viés da existência, apreendemos que o paradigma newtoniano-cartesiano teve início por volta dos séculos XVI e XVII. Por sua vez, os historiadores de Idade da Revolução Científica o caracterizaram pelas seguintes propriedades: importância da experiência adquirida apenas pelos cinco sentidos; raciocínio lógico indutivo e dedutivo; busca da ordem, conformidade, uniformidade e objetividade; relações causais entre os eventos; reversibilidade; regularidade, controle e observador (o homem) neutro e imparcial.

De acordo com esta visão ficou entendido que o ser humano encontra-se dividido em corpo, mente e espírito, não sendo visto como um ser único. Sendo que, a visão fragmentadora da realidade, estendeu-se a todos os níveis da vida e do conhecimento, gerando uma alienação, pois tudo é analisado em 'partes' e não no seu 'todo'.

De conformidade com a concepção acima referida, o 'conhecimento' fica dividido e organizado em blocos de saber, em campos epistemológicos na linguagem, em discursos e métodos próprios. Ora um exemplo dessa fragmentação pode ser facilmente evidenciado na divisão da ciência em 'exata', 'humana' e 'biológica'. Esse equívoco criou e exigiu por assim dizer, a figura dos especialistas que estudam minuciosamente, apenas uma 'parte do todo', sabendo 'quase tudo de quase nada'.

Estas contradições encontradas no paradigma vigente, com as suas falhas, anomalias e, a insuficiência para compreender a realidade/mundo, têm contribuído para a derrocada deste

paradigma; auxiliada por novas respostas às antigas perguntas, que começam a surgir com a ‘teoria einsteiniana da relatividade’, com a ‘física quântica’ e com o pensamento ‘holístico e transpessoal’.

Por sua vez, o modelo ‘quantum-relativista’ da Física moderna subatômica, procura apresentar um ponto de vista integrado da teoria ‘quantum e relatividade’. Ao contrário da física newtoniana que não busca estudar um universo separado em partes e, sim, um todo onde todos os eventos se relacionam de modo dinâmico. Neste contexto, Universo, (matéria/energia) é considerado uma entidade dinâmica em constante mudança. Nada é estático e imutável. Em consequência disso, a relação do ‘observador com o objeto observado’, deixa de ser neutra e passa a influenciá-lo, pois não há uma realidade que possa ser analisada de forma independente da mente do observador.

Então esta nova visão de compreender o ser humano e o mundo configura-se em um momento de crise, de transformação, e reestruturação. Esta evolução é marcada pela transição de paradigma, do ‘newtoniano-cartesiano’ para um novo paradigma. Deste modo compreende-se que, o paradigma transpessoal está sendo aos poucos edificado e baseado na visão integral do ser pensante. No entanto, essa mudança é demorada e contribui para que ainda tenhamos uma visão fragmentadora e geradora de conflitos. Todavia é questão de tempo para que o novo paradigma torne-se uma realidade dominante.

De acordo com as concepções acima referendadas, entendemos que o paradigma ‘emergente’ vem responder à crise (mudança de paradigma) pela qual a humanidade e todo o sistema estão passando. Isto porque o paradigma newtoniano-cartesiano ainda está incrustado na nossa realidade, mas o ‘pensamento transpessoal’ vem aos poucos encontrando o seu lugar na presente contemporaneidade.

Com estas perspectivas concluímos que a evolução de paradigma na psicologia teve consequências positivas à humanidade, a partir das contribuições realizadas através dos estudos e pesquisas empíricas de Carl Gustav Jung, que diz respeito aos conceitos de ‘inconsciente coletivo, dos ‘arquetipos’ e de ‘sincronicidade’¹. O surgimento da Psicologia Transpessoal vem dar continuidade ‘emergencial’ ao novo paradigma e se posiciona para

¹ Estes conceitos serão explicados nas sessões subsequentes deste estudo de caso clínico, tornando-se desnecessário conceituá-los neste momento.

fortalecê-lo e concretizá-lo. Observe na íntegra, a concepção de um estudioso da mente humana quando se refere ao cientista humanista do século XX.

Durante toda uma vida de sistemático trabalho clínico, Jung demonstrou que o modelo freudiano da psique humana era muito acanhado e limitado. Reuniu convincente evidência, demonstrando que devemos olhar muito além da biografia pessoal e da consciência individual para que possamos apenas a compreender a verdadeira natureza da psique (GROF, 1994, p.26).

A partir desta concepção o estudioso acima referido compreendeu a ciência transpessoal como aquela que realiza seus estudos nos estados de consciência que transcendem a personalidade e o conceito do ego. Pontuou que os estados sutis são amplos e gerais e ainda incluem uma variedade de condições que são de interesse para esta perspectiva. Deste modo os seus estudos sobre os estados alterados da consciência foram direcionados apenas em um subgrupo que difere do restante. Representando uma preciosa fonte de informações sobre a psique humana, tanto na saúde como na doença e considera esta prática um notável potencial terapêutico e transformador.

Para este subgrupo, Grof os tituló de grupos holotrópicos. Do grego *holos*, que significa totalidade/inteireza e *trepion*, que significa indo em direção a algo. Então, esta palavra composta significa literalmente: orientado para a totalidade/inteireza ou indo em direção a algo. Portanto, os estados holotrópicos representam para a psicologia transpessoal uma revolucionária forma de enxergar, compreender e tratar o ser humano, que a cada dia necessita de cura. Observem na íntegra esta concepção:

Nos estados holotrópicos, ocorre uma mudança qualitativa de consciência, de forma profunda e fundamental, [...] permanecemos completamente orientados em termos de espaço e tempo e não perdemos totalmente o contato com a realidade diária. Ao mesmo tempo, nosso campo de consciência é invadido por conteúdos de outras dimensões da existência que podem ser muito intensos e até mesmo avassaladores (IDEM, 2000, p.18).

O conceito acima referido nos leva a entender que, quando examinamos os estados holotrópicos e os papéis que eles desempenham na história da humanidade, há uma grande diferença entre as atitudes da civilização industrial do Ocidente, culturas antigas e pré-industriais. De fato, há uma diferença em relação a estes estados, contrastando com a humanidade moderna. Nas culturas nativas, estes estados alterados de consciência foram o principal veículo para que os nativos tivessem uma vida espiritual e propósitos importantes. Por sua vez, eles consideravam os estados não-comuns, um contato direto com as dimensões

arquetípicas da realidade-divindade, reinos mitológicos, momentos e forças numerosas da natureza. Portanto, confirmam mais uma vez, o pensamento científico dos terapeutas e estudiosos da transpessoal.

A busca pela transcendência sempre ocupou um largo espaço nas manifestações culturais humanas. As pinturas rupestres nas cavernas de Altamira e Lescaux datadas de 2000 a.C., assim como os ritos religiosos de sociedades primitivas orientais e ocidentais são marcas que refletem esta preocupação (FERREIRA, BRANDÃO e MENEZES, 2005, p.29/30).

De acordo com os nossos estudos sobre o existir humano, compreendemos que a forma de se conceber a consciência é compreendida no paradigma newtoniano-cartesiano como subproduto de processos materiais que ocorrem no cérebro e tornou-se o dogma metafísico mais importante do pensamento ocidental. É uma visão biologicista dos processos psicológicos, pois a consciência é individual, derivada das atividades neurofisiológicas e bioquímicas do cérebro humano e o inconsciente neste paradigma também é individual.

Entendemos também este pensamento como consequência dos estudos Freudianos que, infelizmente perpetuam na psique da academia, formando profissionais no campo da psicologia e psiquiatria, limitados e amputados do seu potencial. Eles atuam, apenas com a cabeça e se esquecem do corpo e do campo energético. Adverte o criador dos processos holotrópicos.

“Até agora a ciência newtoniana tem sido responsável pela criação de uma muito limitada visão do ser humano e do seu potencial. [...] nossas funções mentais limitam-se a retirar informações dos nossos órgãos sensórios [...]” (GROF, 1994, p.18).

Nesta concepção entende-se que, com o avanço da física moderna e consequentemente da psicologia, a visão sobre a consciência foi se ampliando. No ‘paradigma emergente’ ela é vista como parte integrante da estrutura universal, onde o “micro contém o macro”. Nesta perspectiva, a ‘consciência’ e a ‘psique’ são cósmicas e criativas, sendo uma parte integrante do Cosmo. São expressões e reflexos de uma inteligência cósmica que permeia o universo e a existência. A partir destes estudos e pesquisas científicas sobre os estados holotrópicos, amplia-se os domínios sobre a cartografia da psique. Dois novos domínios transbiográficos aparecem além do domínio biográfico pontuados por Grof (1994), a saber: Perinatal e o Transpessoal. Vale lembrar que, estes dois novos domínios surgem na literatura religiosa e

mística, todavia como atividade oculta de vários países do mundo, principalmente os localizados no continente oriental. A psicologia transpessoal, portanto, vem validar cientificamente estes domínios. Nesta perspectiva confirmam outra visão dos terapeutas abaixo relacionados.

A Psicologia Transpessoal não visa apenas àqueles conteúdos da mente pertinentes ao nível psicodinâmico (relativo à biografia do indivíduo) nos estados usuais da consciência; vai mais além averiguando e dimensionando conteúdos de níveis mais profundos, como os de vida intra-uterina (perinatais), memórias atribuídas a experiências de 'vidas passadas', vivências arquetípicas, percepção de unidade cósmica, estado de êxtase e toda a experiência humana proveniente de sua dinâmica interior (idem, 2005, p.71).

Por sua vez, Grof se refere ao domínio biográfico como o grande conhecido, estudado e trabalhado pelas principais abordagens teóricas da psicologia. Nestas abordagens a imagem da psique não se restringe apenas a este domínio, mas, todavia ao inconsciente individual. Por outro lado, para a psicanálise Freudiana, por exemplo, o inconsciente consiste em sua grande parte do material biográfico pós-natal que foi 'esquecido' e 'reprimido'.

Para este estudioso o domínio na nova cartografia, consiste de memórias da infância, da adolescência e da vida adulta. Esta memória não é lembrada nos processos holotrópicos e sim revivida. Para ele, o material biográfico dos nossos primeiros anos vem à tona, nas primeiras sessões holotrópicas e, então, a pessoa acessa a memória da primeira infância como se a conhecesse mesmo aos dois ou menos meses de vida.

De acordo com as concepções dos terapeutas que utilizam estas ferramentas alternativas a memória emocionalmente mais relevante do inconsciente da pessoa e, que está mais disponível para o processamento consciente, emerge espontaneamente da psique, sem nenhum tipo de programação. Nos estudos e pesquisas grofianas, revelam que neste processo de expansão da consciência, ocorrem uma seleção automática deste material que ele os denominou "mecanismo de radar interno".

Assim as memórias relevantes emocionalmente ficam guardadas no inconsciente em forma de complexas constelações dinâmicas, para as quais Grof as conceituou de sistemas de 'experiências condensadas' (COEX). De acordo com esta teoria um sistema COEX consiste de memórias com carga emocional de diferentes períodos da vida de uma pessoa que se assemelham pela qualidade da emoção ou da sensação física que compartilham. Então, os

sistemas COEX, vão influenciar cada área da vida emocional de um ser humano. Observem:

Os sistemas COEX desempenham um importante papel em nossa vida psicológica. Eles podem influenciar a forma pela qual percebemos a nós mesmos, a outras pessoas e ao mundo, e como nos sentimos e agimos. Eles são forças dinâmicas por trás dos nossos sintomas emocionais e psicossomáticos, dificuldades em relacionamentos com outras pessoas e comportamentos irracionais (GROF, 2000, p.38).

De fato nesta visão, cada COEX tem um tema específico e pode conter constelações de experiências positivas quanto negativas. Experiências que ocorreram em momentos diferentes na vida de uma pessoa. Contudo, é a intensidade da experiência e sua importância emocional que vão determinar se uma memória será ou não incluída em um sistema COEX e não, a sua natureza desagradável ou agradável.

A consciência destas constelações pode representar um poderoso salto para a cura de uma pessoa. Um COEX pode conter camadas mais profundas da psique que representam tema dos outros domínios da cartografia, como o “perinatal e o transpessoal”.

Os estudos grofianos pontuam ainda que, o domínio Perinatal é uma palavra de origem gregolatina, composta pelo prefixo *peri*, que significa perto ou volta de, e a palavra raiz *natalis* tem um significado relacionado com o nascimento. No caso as pessoas têm memórias desta época da vida. Esta idéia contraria a medicina e a psicologia tradicional, pois elas acreditam como impossível ter memória desta fase da vida. No entanto, nas suas pesquisas científicas, o principal expoente da Psicologia Transpessoal descreve a sua visão científica e se expressa: “a utilização do termo *perinatal* em conexão com a consciência reflete minhas próprias descobertas e é inteiramente nova” (GROF, 2000, p. 43), e ainda enfatiza:

O estudo dos estados não comuns de consciência já apresentou convincente evidência que estocamos memórias de experiências perinatais em nossa psique, frequentemente em um profundo nível celular. Pessoas sem conhecimento intelectual de seu nascimento têm sido capazes de reviver, com extraordinário detalhe, fatos referentes a elas como o uso do fórceps, o parto pélvico e as primeiras reações maternas ao recém-nascido. Muitas e muitas vezes tais detalhes têm sido confirmados objetivamente por pesquisa em documentação em hospitais, ou por adultos presentes no parto (IDEM, 1994, p.46).

Nos estados holotrópicos, as pessoas revivem o seu nascimento, que é considerado como o trauma mais profundo da vida das pessoas, pois envolve uma grande quantidade de estresse emocional e físico, sendo um acontecimento de uma grandeza psicoespiritual. Ele fica

gravado na memória em seus mínimos detalhes, até o nível celular e tem tido um profundo efeito no desenvolvimento psicológico de todo ser humano.

De fato nestes estados de consciência expandida, as experiências perinatais não se limitam apenas ao momento do parto, pois esse momento é uma fase do nascimento. Grof, quando conceituou estes estados de consciência, delimitou três momentos para o processo do nascimento e os conceituou dentro das quatro constelações dinâmicas do inconsciente profundo, as chamadas Matrizes Perinatais Básicas - (MPBs).

A primeira matriz, MPB I, chamada de 'Universo Amniótico', refere-se às experiências dentro do útero, antes do início do parto. A segunda MPB II, chamada 'Devoração Cósmica Sem Saída', trata-se das experiências quando começam as contrações sem que a cérvix uterina se tenha aberto. A terceira matriz, MPB III, 'Luta, Morte e Renascimento', reflete as experiências à medida que o feto move-se dentro do canal de parto. A quarta e última matriz, MPB IV, 'Morte e Renascimento', relaciona-se com a experiência quando o feto sai do corpo materno,

Cada matriz perinatal tem os seus próprios aspectos específicos, sejam no nível biológico, psicológico, arquetípico, emocional, sensações físicas, e imagens simbólicas do plano espiritual. As experiências perinatais não são experienciadas em sua ordem natural. Acontece o oposto, porque o conteúdo perinatal é selecionado pelo 'radar interno' apontando a ordem pela qual cada pessoa tem acesso a esse material altamente individualizado.

O domínio transpessoal representa o terceiro domínio da nova cartografia da psique. O significado literal deste termo é 'atingindo além do pessoal' ou 'transcendendo o pessoal'. As experiências neste nível de consciência ultrapassam as fronteiras do corpo e do ego, das limitações do espaço e tempo e do tempo linear, que restringem limitam e modelam as percepções do mundo e de nós mesmos. Nas experiências transpessoais a percepção do ambiente fica ampliada, e vão além das limitações fisiológicas dos órgãos do sentido e das características físicas do ambiente. Confirmam:

Nos estados transpessoais de consciência [...] não há limites para o alcance de nossos sentidos e podemos experimentar, com todas as qualidades sensoriais, episódios que ocorreram no passado e, ocasionalmente, até mesmo aqueles que ainda não ocorreram mas que ocorrerão no futuro (Idem, 2000, p.70).

Então neste vivenciar sutil o espectro das experiências transpessoais é riquíssimo e inclui fenômenos de vários e diferentes níveis de consciência. Foi a partir de suas próprias experiências e nos seus estudos com outras pessoas que o estudioso categorizou estas experiências consagrando-as em três grandes categorias.

A primeira delas é chamada de Extensão Experiencial dentro de Espaço-Tempo e da Realidade Consensual. Nesta categoria encontram-se subcategorias e elas são: Transcendência de Barreiras Espaciais, como experiência de união dual, identificação com outras pessoas, com animais e com plantas, entre outras; Transcendência de Barreiras Temporais, como, por exemplo, experiências embrionárias, fetais, encarnações anteriores e evolução planetária; e Exploração Experienciais de Micro mundo, dentre elas destacam-se a consciência orgânica de DNA, do mundo dos átomos e das partículas subatômicas.

A segunda categoria é chamada por Grof de Extensão Experiencial. Além do Espaço-Tempo e da Realidade Consensual. Encontram-se nesta categoria experiências espíritas, mediúnicas, visitas a universos paralelos e encontros com os seus habitantes e entre outras. A terceira categoria foi pontuada pelo cientista, de Experiências Transpessoais de Natureza Psicóide, como experiências de abdução por alienígenas, curas, feitiços, fenômenos espíritas e mediunidade física, por exemplo.

Diante destes conceitos compreendemos que, os estados ampliados de consciência, e a emergência dos fenômenos transpessoais podem vir combinados entre si, ou combinados com experiências perinatais e biológicas. Isto porque, quando ampliamos a consciência através desta técnica, tudo pode acontecer e, transformar por completo a vida das pessoas possibilitando-lhes a cura.

Esta nova cartografia da psique vem proporcionar uma ampliação na prática terapêutica e no tratamento psicológico em relação ao paradigma vigente. No paradigma newtoniano-cartesiano a ferramenta utilizada no tratamento terapêutico é a terapia verbal, uma influência da psicanálise. Nela, o paciente relembra eventos emocionais significativos ou os reconstrói indiretamente a partir da análise sistemática dos sonhos, fantasias, atos falhos, lapsos de linguagem, distorções de transferência, comportamentos diários e outros aspectos de sua vida. Em algumas abordagens terapêuticas esse material pode levar anos para serem reconstruídos.

Deste modo, compreende-se que os estados holotrópicos, representam uma nova forma de enxergar e tratar o ser humano em seu processo de individuação. Portanto, esta prática faz sentido no acompanhamento terapêutico, porque o indivíduo passa a relembrar sua vida intra-uterina e vivencia os estados originais. As sensações físicas e percepções sensoriais do momento em que eles aconteceram, ou seja, regridem aos eventos os quais podem ocorrer em uma pequena fração de tempo, sendo transformador e curativo para o indivíduo. Observem:

[...] durante o reviver de um trauma infantil importante, tem-se a imagem corporal da época, a percepção ingênua do mundo, sensações e emoções correspondentes à idade que se tinha na época. A autenticidade dessa regressão fica evidente a partir do fato que as rugas no rosto dessas pessoas desaparecem temporariamente, dando-lhes uma expressão infantil, e suas posturas, gestos e comportamento tornam-se infantis (Idem, 2000, p.36).

Esta prática faz com que a Terapia Transpessoal não seja só Psicoterapia, e sim, um caminho para aprender a ativar a consciência maior que habita dentro de cada alma humana. Para ajudar a materializar esta prática, Wilber que de parceria com Wittine, fundamentam oito postulados centrais como ferramentas básicas para se alcançar o êxito no processo terapêutico. Vejam a seguir:

O primeiro refere-se à necessidade de cura/crescimento em todos os níveis de espectro da identidade egoíca, existencial e transpessoal; o segundo refere-se à crescente percepção do 'Eu ou centro profundo do ser', por parte do terapeuta e sua perspectiva espiritual da vida, como essenciais ao processo terapêutico; já o terceiro postulado é o processo de despertar de uma 'identidade inferior para uma identidade superior'; o quarto refere-se à natureza regeneradora e restauradora da 'intuição e da percepção interior'; o quinto postulado fala do 'potencial transformador da relação terapêutica, não só para o paciente como também para o terapeuta;' o sexto é a 'compreensão do contexto, do conteúdo e do processo' sendo fundamental na condução da psicoterapia transpessoal; no sétimo a natureza humana essencial é 'espiritual' e o oitavo a consciência é 'multinivelada' (FERREIRA, BRANDÃO e MENESES, 2005).

A arte de ouvir é outra ferramenta básica do terapeuta Transpessoal. É uma ferramenta que é movida por atitudes positivas e devem ser contempladas no ato do primeiro atendimento clínico. O terapeuta Transpessoal, vai lidar diretamente com a individualidade do seu cliente e interagir com ele na estrutura da sua personalidade para possibilitar a sua auto-cura.

Para alcançar o êxito terapêutico, o profissional da mente humana utiliza técnicas alternativas, as quais foram desenvolvidas ao longo da história. Dentre elas, são encontrados os aplicativos de ações curativas, para direcionar e apoiar o ser humano por ocasião do seu caminhar sutil em direção à cura nas suas mais diversas patologias. Dentre eles destacamos a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, a Gestalt-Terapia, de Fritz Perls, a Constelação Familiar, de Bert Hellinger, Respiração Holotrópica, de Grof, Memórias Profundas, de Roger Woolger. Somando-se, ainda práticas associadas às vivências Orientais, como o método Usui de Reiki. Estes aplicativos tornam a atividade do terapeuta um processo eficaz, porque de acordo com o terapeuta transpessoal, essas concepções assim se resume:

As técnicas terapêuticas, propiciam ao cliente que faça o seu processo de auto-cura encontrando o seu caminho pessoal. Ela não só se ocupa da compreensão do que Maslow falou sobre as experiências de 'pico' ou de 'cume', que se caracterizam por um estado expansivo de consciência, como amplia o leque para se ocupar de todas as patologias, psicoses, esquizofrenias, as neuroses comuns a todos nós e, sobretudo, se ocupa do grande mal da nossa época que é a 'Normose' que significa a adaptação patológica e alienada a uma sociedade doente e consumista, como é o caso da nossa, dentre outras (RISSO, 2009, p.8).

Deste modo, concebe-se que a terapia Transpessoal, apoiada sob os métodos e técnicas curativas, alonga os dias da personalidade. Por sua vez o ser humano se fortalece de modo individual ou grupal, na sociedade na qual está inserida. O que significa dizer, que o cliente sob orientação terapêutica, sai do seu casulo individual para se reconectar com a sua fonte interior, além de fortalecer o seu ego. Porque somente o ingerir de antidepressivos não faz resolver as suas questões individuais e transcendentais. No caso dos normóticos, por exemplo, ele encontra a reconexão do seu ser com a alegria, a beleza e com a perfeição de vivenciar a vida, com sabedoria e maestria. Assim fica entendido que, estes seres humanos uma vez psicoterapeutizados deixam de viver uma vida pequena, e pseudo-adaptava socialmente.

Na concepção do Terapeuta Risso, o ser humano aprende a tocar os seus projetos de vida, de modo individual, grupal e/ou inserido na comunidade da qual pertence. Respeitando e se fazendo respeitar, dentro da sua individualidade própria. Consciente das suas limitações e dos seus dons e parte integrante do todo. Considerando que as tentativas primordiais para a realização do ser humano, pelo viés do existir, é parte integrante de uma promessa de vida para crescer, compartilhar, realizar e transmutar.

A Terapia Transpessoal é, em última análise, uma disciplina que alerta o terapeuta a direcionar seu cliente ao olhar interior, isto é, o olhar da espiritualidade. Para que este olhar interior reconheça o existir de vários níveis de consciência a fim de encontrar a transformação pessoal e evolução espiritual. Incluindo a necessidade de compreender e transformar o lado sombra da natureza interior. É um caminho de auto-transformação e honestidade .

Daí, conclui-se que a Psicologia Transpessoal está a cada dia, ganhando espaço na sociedade e no meio acadêmico. É questão de tempo para o Conselho Federal de Psicologia, legitimar esta nova abordagem científica.

3 COMO SE INICIA O TRABALHO

Neste texto procuramos mostrar aos leitores que, a Psicoterapia é um método de tratamento científico. Corresponde a aplicação dos conhecimentos da Psicologia e da Psicopatologia no contexto clínico. Esta prática ajuda a realizar mudanças profundas e significativas na existência dos seres humanos que passam por este tipo de tratamento. Contribui para desfazer as atitudes que trazem desconfortos, angústias, conflitos, ansiedades e sofrimentos que pesam nas dificuldades existenciais e temporais.

Como método de tratamento, a sua forma de ser aplicada é conduzida de modo científico. Na psicologia clínica, encontramos algumas formas de sua aplicação: a psicoterapia individual para crianças, adolescentes, adultos e idosos. Psicoterapia de grupo, de casal, de família, e por fim, a psicoterapia institucional.

Por outro lado na psicoterapia, os primeiros contatos com o cliente se transformam pouco a pouco num tipo de procedimento dialético, pois é assim que se expressa o criador da teoria profunda em pleno século XX.

[...] discussão entre duas pessoas originalmente a dialética era a arte da conversação entre os antigos filósofos, mas logo adquiriu o significado de método para produzir novas sínteses. A pessoa é um sistema psíquico, que, atuando sobre outra pessoa, entra em interação com outro sistema psíquico (JUNG, 2007, p.1).

Na concepção acima referida, o terapeuta entende que na prática clínica, esta interação entre sistemas psíquicos, configura-se através do diálogo entre paciente e terapeuta. Ele é de suma importância para detectar as dificuldades existenciais e temporais do ser humano, na trajetória do seu existir. Serve também, como uma oportunidade do terapeuta identificar e intervir nos problemas do dia-a-dia do seu cliente e apoiá-lo de modo terapêutico. Por outro lado, esse diálogo permite que ele se coloque à disposição do paciente, em relação aos seus questionamentos, na busca das realizações que o conduzem ao caminho da auto-cura. No sentido Junguiano há casos que parecem simples, cuja cura depende unicamente de um processo de confissão. O diálogo estabelecido no contexto clínico serve como caminho para a prática da psicoterapia, e nesta prática, reflitam sobre as advertências do cientista das causas profundas:

O psicoterapeuta não tem que tomar conhecimento apenas da biografia pessoal do paciente, mas também das condições espirituais do seu meio ambiente próximo e remoto, em que permeiam influências tradicionais e filosóficas que frequentemente desempenham um papel decisivo. Nenhum psicoterapeuta seriamente empenhado em compreender o homem inteiro, ficará dispensado de entender-se com o simbolismo da linguagem dos sonhos [...] O primeiro passo seria que o próprio paciente procurasse entender os seus sonhos de modo a incorporar progressivamente os conteúdos do inconsciente ao consciente visto que a causa da neurose é a discrepância entre atitude consciente e a tendência inconsciente. (idem, 2007, p.1e 17).

Portanto, concluímos que, na prática da psicoterapia Junguiana o terapeuta entra em ação com um olhar atento na interação com seu cliente e, em especial, nas suas formas de falar, sentir, pensar, agir e refletir a vida, enquanto parte integrante do todo. Torna-se necessário, também, ficar atento a todos os sinais da linguagem corporal, dos seus sonhos e das suas neuroses.

Considerando as concepções acima ficou entendido que, a entrevista clínica é um procedimento terapêutico que faz parte de um processo de avaliação psicológica, que incluem, também, outros procedimentos, como, por exemplo, os testes psicométricos e projetivos² ou a caixa de areia. O procedimento da entrevista clínica é poderoso, pois é o único capaz de se adaptar a diversidade de situações clínicas e de fazer explicitar particularidades que escapam a outros procedimentos, principalmente os padronizados.

Segundo (Bleger, 1980, p.20), “[...] o entrevistador, que também deve assumir a sua condição humana e não se sentir acima do entrevistado ou em situação privilegiada diante dele. *E isto, que é fácil de dizer, não é nada fácil de realizar*”. [Grifo do autor].

² Esses testes são feitos exclusivamente por psicólogos.

Daí compreende-se que a entrevista clínica é única, tem um contexto, objetivos e tempo definido. Pode ser de dois tipos a aberta e a fechada. Na fechada, as perguntas e a ordem já são previstas e o entrevistador não pode alterar nenhuma destas disposições, é na realidade um questionário. Permite uma melhor comparação sistemática dos dados, além de outras vantagens de método padronizado. Na entrevista aberta, o entrevistador tem ampla liberdade para perguntar e para intervir possibilitando uma investigação mais ampla da personalidade do entrevistado (idem).

Neste estudo de caso clínico procedemos inicialmente a entrevista de anamnese e teve por objetivo fundamental o levantamento detalhado da história de vida da cliente. Um procedimento de extrema importância para um bom andamento do trabalho em busca da cura.

Neste contexto é retratado a história pessoal da vida do paciente, produzindo um acúmulo de dados sobre ele. Entretanto, é praticamente impossível coletar dados completos sobre a vida do ser humano, pois muitas vezes até ele mesmo desconhece informações sobre a sua vida.

Convém ressaltar que, é da responsabilidade terapeuta, conduzir o processo de cura e aplicar conhecimentos psicológicos, em benefício do seu cliente; dominar as especificidades da técnica; ter treinamento especializado e atualizações constantes e periódicas para executar a sua tarefa com segurança e mestria. É um comprometimento ético consigo e com o exercício consciente da sua profissão.

Considerando-se estas concepções compreende-se que o instrumento de trabalho do terapeuta é ele mesmo, sua própria personalidade, seu funcionamento psíquico e corporal. O objeto da sua análise é outro ser humano, de tal forma que, ao examinar a vida dos demais, se acha diretamente implicada a revisão e o exame de sua própria vida, de sua personalidade, conflitos e frustrações. Caso ele não consiga graduar este impacto, sua tarefa tornar-se-á impossível.

Por outro lado o terapeuta deve ficar atento a não expor suas reações e nem sua história de vida. Não deve permitir e /ou ser considerado como um amigo do cliente e, nem entrar em relação comercial, de amizade ou de qualquer outro benefício que não seja o pagamento dos seus honorários.

A sua função é a de ‘ouvir’, ‘apoiar’ e ‘observar’ comportamentos e as relações que se estabelecem entre eles são elementos da “transferência e contratransferência”.

Neste contexto científico compreende-se que a ‘transferência e a contratransferência’ são fenômenos que estão presentes em toda relação interpessoal, inclusive na entrevista psicológica. Na transferência o entrevistado atribui papéis ao terapeuta, e se comporta em função dos mesmos. Transfere situações e modelos para a realidade presente e desconhecida, e tende a configurar esta última como situação já conhecida, repetitiva.

De acordo com Freud (1914, p.166) entende-se que a transferência é “[...] apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido [...] para todos os aspectos da situação atual”.

De fato de acordo com a concepção referida a transferência é designada pela psicanálise como um processo através do qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos, num certo tipo de relação estabelecida, eminentemente, no quadro da relação analítica. É a repetição de protótipos infantis vividos com um sentimento de atualidade acentuada.

Na contratransferência observamos que emergem do terapeuta reações que se originam do campo psicológico em que se estrutura a entrevista. Porém, se constitui, quando bem conduzida, num indício de grande significação e valor para orientá-lo no estudo que realiza. Seu manejo requer preparação, experiência e um alto grau de equilíbrio mental, para que possa ser utilizada com validade e eficiência. Na contratransferência, salienta Gilliéron (1996), as emoções vividas pelo analista são consideradas reativas às do paciente, vinculando-se, portanto, ao passado deste último, e não dizendo respeito diretamente à pessoa do analista.

Portanto, a entrevista clínica é um procedimento eficaz e de suma importância no trabalho do psicólogo ou do terapeuta transpessoal. Quando bem conduzida garante que o processo terapêutico transcorra em um terreno eficiente e sólido.

4 O DESENVOLVER DO PROCESSO

Neste estudo de caso clínico, foram utilizados os conceitos da Psicologia Transpessoal e da Psicologia Analítica. Estes fundamentos constituem ferramentas básicas da qual o terapeuta pode dispor para tratar os as 'queixas' de seus clientes. Eles fornecem aos estudiosos da mente humana, idéias referentes à estrutura, à dinâmica e ao desenvolvimento da personalidade humana. Quando essa dinâmica é sabiamente manipulada pelo terapeuta e exercitada pelo cliente, tende vir a ser a resultante um ego fortalecido (HALL e VERNON, 2005).

Nestas concepções o terapeuta fica credenciado a tratar o cliente, de forma científica, proporcionando-lhe o livre fluxo das suas energias, através de um processo dinâmico, até vivenciar o processo da auto-cura e fortalecimento do ego.

O trabalho terapêutico realizado com Zaíra (nome fictício) teve a duração de nove meses - Junho de 2008 a Março de 2009, totalizando 36 sessões terapêuticas.

Para entender e compreender o desenrolar do processo clínico, torna-se necessário conhecer a história da cliente.

4.1 História Clínica

Na entrevista diagnóstica, realizada com Zaíra, foram observados nos aspectos sindrômicos, os sinais de constantes crises de depressão, amargura, solidão e a sua auto-estima baixa. Relatou que na maioria dos seus dias, vivia pálida e que ao despertar pela manhã não tinha ânimo, para raciocinar e nem para trabalhar e, igualmente, tinha constantes crises de choro. Externou que vivenciava dentro de si, um sentimento mórbido que a perseguia há mais de dez anos.

Este quadro configurou sua 'queixa principal', motivo pelo qual ela foi buscar ajuda terapêutica. Portanto, a queixa principal é aquela ação que apresenta dificuldades e problemas que estão intrinsecamente relacionados a uma "realidade limitada ao espaço/tempo" (JUNG, 2007).

No nível físico, Zaíra sofria de problemas digestivos e estomacais. Engordava facilmente, motivado pela sua ansiedade e problemas gerados no vivenciar do seu dia-a-dia.

Zaíra apresentou-se, na primeira sessão, muito tensa, vestida com modéstia e não olhava diretamente para a terapeuta. Foi percebido que seu olhar estava distante, passando a idéia de quem não estava de bem com a vida. Não percebia que existe no Universo uma energia maior que permeia o planeta Terra, do qual somos parte integrante. O que a levou inferir que estava desconectada com uma força Superior (Deus).

Relatou que passava por problemas financeiros, tendo dificuldades para custear as suas despesas pessoais e pagar a Universidade da sua filha única. Devido a isso, na primeira consulta foi estabelecido um acordo financeiro que poderia pagar durante o tratamento, assim como, os dias da semana e os horários estabelecidos e destinados às sessões terapêuticas. Evidenciado, que os dias de falta, e sem justificativas, seriam da responsabilidade dela, arcando com o valor da sessão.

4.2 História de Vida

Este tópico e o próximo contêm informações colhidas na entrevista de 'anamnese'. Quando Zaíra iniciou o tratamento tinha 42 anos de idade, descendente de uma família, do interior da Bahia, de classe econômica média baixa. A sua família é composta por cinco pessoas, seus pais, uma irmã gêmea e sua filha.

A sua única herdeira foi fruto do seu primeiro relacionamento heterossexual, que foi bastante conturbado e durou poucos meses. Sua gravidez foi de modo inesperado, pois suas menstruações sempre foram irregulares. Não teve orientações sexuais e nem assistência médica quando menstruou pela primeira vez. Entretanto, quando a sua família soube da gravidez, amparou-a totalmente.

No período do tratamento, a sua descendente tinha a idade de 20 anos e vivia sob a dependência econômica, quase exclusiva, da avó e do avô maternos, pois Zaíra contribuía nas despesas escolares. O pai desta jovem registrou-a de modo espontâneo, na ocasião do seu nascimento. Contudo nunca cumpriu com as obrigações de um pai consciente e não mantinha

nenhum contato com ela. A garota vivenciou a experiência de uma figura paterna insuficiente. A ausência desta figura foi parcialmente superada com a presença e o apoio do seu avô materno.

Após este primeiro relacionamento, Zaíra iniciou outra relação amorosa e foi morar com um jovem, levando consigo a sua filha. Desta maneira, encontrou-se com um novo amor, um advogado, vítima do alcoolismo. Com o passar dos meses, a convivência do casal tornou-se complicada e insustentável, por causa do seu vício e de seu temperamento agressivo, transformando a vida destas duas criaturas em momentos difíceis. No meio familiar, havia cenas de agressividades e violências, e quando o parceiro estava alcoolizado batia em Zaíra, dando socos e pontapés, muitas vezes na presença da sua filha.

Devido às constantes ameaças e atitudes violentas, a cliente resolve finalizar esta relação, porque a situação tornou-se insustentável. A convivência conflitada transformou-a numa mulher infeliz e revoltada. Por outro lado após o término deste relacionamento, Zaíra voltou a morar com os pais.

Passado os dez anos do nascimento da sua filha, Zaíra foi consultada por um homem, da sua cidade, agenciador de prostitutas, acostumado a arranjar mulheres para se prostituírem, dentro de relacionamentos homossexuais. Ele lhe propõe um relacionamento homossexual, a troco de dinheiro, casa e comida, bem como morar na capital da Bahia, com uma mulher de aproximadamente 20 anos mais velha que ela e “muito rica”.

No auge das suas dificuldades financeiras, Zaíra foi apresentada a esta mulher, Leda (nome fictício) com a qual resolveu morar. A convivência tinha características disfarçadas de que morava com uma tia. Foi uma forma encontrada por Zaíra de disfarçar para a sociedade sua conduta homossexual. Seus familiares não fizeram nenhuma restrição a essa relação, pois os pais aceitaram veementemente o seu novo relacionamento.

Zaíra ficou toda empolgada, com esta nova relação, chegando a conceber que encontrara o grande amor da sua vida. Buscou experienciar outra relação fora dos padrões normais de uma relação saudável entre homem e mulher. No período do tratamento Zaíra já estava vivenciando esta relação homossexual há doze anos. Uma relação tumultuada regada de

aflições, decepções e frustrações por não ter encontrado um lugar ao sol compatível com o seu perfil profissional e empreendedor.

4.3 Situação Atual

Em relação à parte profissional, Zaíra tem várias credenciais. É pedóloga, reikiana, massoterapeuta, esteticista e cabeleireira. Trabalhava a dez anos num salão de estética feminina em Salvador. Mantinha uma sala compartilhada onde realizava seu trabalho, atendendo clientes particulares. E nas horas vagas, fazia atendimentos a domicílio.

Dizia que vivia para o trabalho, pois precisava de dinheiro para arcar com as suas despesas pessoais e assumir os gastos com a sua filha, estudante de Direito e ainda necessitava do apoio financeiro de Leda para continuar a pagar os estudos da sua herdeira.

Por sua vez, com relação ao comportamento social, Zaíra disfarçava os movimentos do seu existir como sendo uma pessoa feliz e de bem com a vida. Não revelava a ninguém as suas preferências sexuais e por se apresentar desta forma, algumas pessoas poderiam achar que ela era o protótipo de uma mulher feliz.

Relatou que a sua realidade existencial não era bem aquela que demonstrava aos outros. Apesar dos seus 42 anos, não conseguia fazer amigos, mudar e direcionar sua vida, crescer e evoluir. Ser a proprietária da uma casa, ter a sua liberdade, e tornar-se isenta das cobranças do dia-a-dia. Amar e ser amada, como mulher, como mãe e profissional de estética.

Em relação à sua religiosidade referiu-se que, para tentar resolver os seus problemas existenciais estava a frequentar algumas reuniões da Igreja Messiânica (uma filosofia Japonesa) que de certa forma lhe transmitia um simbolismo acolhedor e confortante. Um apoio considerado por ela a representação da sua ligação com o transcendental.

De acordo com Grof (2000, p.276), o conceito de religiosidade assim se resume: “Para várias religiões, a receita para se lidar com as dificuldades da vida é de diminuir a importância do plano terreno e concentrar-se nos reinos transcendentais”. E Leloup (1998, p.9) acrescenta a sua visão neste sentido: “Divino é o que vincula, unifica e restaura a inteireza vital”.

Referindo-se à sua família, Zaíra dizia que não contava com nenhum apoio para tomar suas decisões, a separação, por exemplo. Isto porque, sua família interagia mediante um mecanismo de resistência, contrários a todas as mudanças de vida que ela aspirava fazer. Um procedimento que a família ignorava e não a deixava fazer uma escolha consciente com relação ao futuro da sua vida.

De acordo com a cliente, seus familiares achavam que ela estava no caminho certo, visto que a companheira se dizia cheia de bens, e no futuro Zaíra pudesse herdar alguns desses bens. Um ledor engano, pois os familiares de Leda tinham nela apenas uma intrusa e ela era detestada por todos. Caso a amante viesse a falecer subitamente a cliente seria imediatamente mandada embora.

4.4 Conhecendo a Relação das Personagens

Leda, a mulher com quem Zaíra foi morar, na época do tratamento, tinha 62 anos e era casada juridicamente com um homem. A família dela é composta de filhos, netos e bisnetos. Tanto os familiares, quanto o marido, sabiam destes desvios de comportamento de Leda por gostar de romances homossexuais.

Ela é uma pessoa que lida com magias, Tarôs e encantamentos. Mantém uma casa muito recantada, e contígua à sua residência, existe um espaço ritualístico no qual Leda recebia a clientela e fazia as suas magias, direcionado a um público muito variado, e detentor de alto poder aquisitivo: policiais, coronéis e ainda recebia ligações internacionais para realizar atendimentos à distância. Todos os seus clientes buscavam ajudas espirituais dentro do campo da magia negra. Cobrava por cada consulta, cento e cinquenta reais, em média. O local dos atendimentos é decorado com esculturas de suas entidades.

Leda é uma mulher emocionalmente desequilibrada, possessiva, manipuladora, ciumenta, mentirosa, egoísta e violenta. Não assumia de forma alguma este relacionamento e era procedente de vários relacionamentos homossexuais fracassados. Alimentava, em Zaíra, a idéia de oficializar o relacionamento num futuro bem próximo.

Zaíra informou que Leda sofria uma série de problemas relacionados à sua saúde, pois a mesma era cardíaca e apresentava dificuldades psicológicas e existenciais, manifestada através da depressão, além de ser hipertensa. Necessitava de medicamentos para manter a sua integridade física e dependia dos préstimos de Zaíra na administração dos medicamentos e para poder se locomover às consultas médicas e hospitalares. Na época do tratamento terapêutico Leda estava com a saúde bem mais comprometida.

Dentre os medicamentos que Leda utilizava, encontrava-se o de tarja preta Rivotril. Este medicamento tem alta potência e garante quase sempre um bom resultado. Tem como principais propriedades a inibição leve das funções do sistema nervoso central, sedação, relaxamento muscular e efeito tranquilizante, bloqueando, desta forma, a ansiedade³. Por conta destes problemas de saúde foi aposentada por invalidez.

Ela tem Zaíra como sua companheira, somente durante a semana, pois nos sábados, domingos e feriados, viaja para se encontrar com o marido, juntamente com seus filhos e netos, na casa da praia, próximo a Salvador. Durante a semana praticamente não tinham momentos de lazer. Leda tem Zaíra apenas como sua companheira domiciliar.

No começo do relacionamento, Leda ajudava Zaíra financeiramente e ela aproveitou todas as chances de crescimento profissional que a companheira lhe proporcionou. Fez cursos na sua área de atuação, aprendendo várias técnicas de estética feminina que a tornaram uma excelente profissional, carreando para si, uma clientela admirável. Exercendo estas técnicas, Zaíra se aprimorou na profissão equilibrando-se financeiramente, economizando ganhos, para poder custear os estudos da sua única filha.

Com o passar dos dias, a história de vida da cliente começou a mudar, sua clientela sumiu e Zaíra iniciou as suas dificuldades profissionais e conseqüentemente financeiras. O espaço que mantinha no salão, estava totalmente comprometido. O lucro de Zaíra não cobria os gastos mensais e ela não tinha como custear as despesas com materiais de estética e o aluguel do imóvel, pois chegou ao ponto de não ter material suficiente para atender à pequena clientela. Para se ter uma idéia, quando ia realizar atendimentos domiciliares, levava o material de

³ <http://pt.wikipedia.org/wiki/clonazepam>. Acessado em: 30/04/10.

estética dentro de uma sacola plástica, aquela de mercado. Relatou que já não tinha um bom relacionamento com a dona do salão, tendo sérias discussões com ela.

Outro elemento que agravou seu quadro profissional e financeiro foi o fato de Leda não querer mais ajudá-la financeiramente e nem profissionalmente. Ela não movia mais nenhum tijolo na construção de projetos, que contemplassem seu crescimento profissional. Prometia estabelecimentos para instalar um salão de beleza, coisas prometidas há tempo, mas que nada saía do lugar.

Ela não respeitava Zaíra como uma profissional competente; vivia fazendo críticas e desvalorizava o seu trabalho, além de ter ciúmes de suas clientes mulheres. Esta postura de Leda a prejudicava no interior do salão de beleza, contribuindo para a diminuição da sua clientela. Portanto, com o desenrolar dos fatos, concluímos que Zaíra estava descendo a ladeira do seu existir possuindo apenas um orçamento cada vez mais defasado e uma renda mensal abaixo da média, para uma profissional da sua categoria.

As brigas por ciúmes foram uma constante no relacionamento delas e quando discutiam em casa, quebravam tudo do espaço onde Leda fazia seus trabalhos. Em certa ocasião, teve uma briga que foi tão forte que os vizinhos chamaram a polícia. Foi advertida a não irritá-la, evitando o confronto quando estivesse nervosa e ficar atenta sobre os perigos deste relacionamento, pois nestes atritos a cliente sofria ameaças de morte, caso a mesma a abandonasse e se relacionasse com outras pessoas, principalmente com o sexo oposto.

Outra coisa que se agravou com o tempo de relacionamento, foi o fato de que Zaíra não conseguia mais dialogar com Leda, visto que a mesma a sufocava emocionalmente por conta de cobranças, dos ciúmes exacerbados, discussões, agressões físicas e verbais. A cliente não contava com o seu apoio emocional, Leda não considerava Zaíra como esta esperava ser tratada com carinho e amorosidade.

Leda não cuidava de Zaíra como pessoa humana, apenas a desqualificava e não tinha a mínima consideração por ela. Nem estava dando o básico que prometeu como a comida, Em certa ocasião a cliente revelou que tinha que fazer a feira para poder se alimentar melhor.

Todas as posturas de Leda, descritas acima, refletiam que ela não respeitava Zaíra como pessoa e mulher. Transparecia que a relação era somente unilateral, por parte somente de Zaíra, sem ter vínculo sustentável. Uma relação que já durava doze anos e sem perspectivas de dias melhores. Zaíra expressou que estava insatisfeita com toda esta situação e pretendia reverter este quadro o mais rápido possível

Segundo Zaíra, Leda tinha alguns comportamentos que não a deixavam satisfeita, haja vista, que eles estavam relacionados à forte relação dela, com as energias de baixa frequência dentro da casa, devido as práticas de magias negra. Estas práticas estavam relacionadas a despachos na encruzilhada, com sacrifícios de animais, e principalmente oferendas de galinhas, que eram degustadas pelos usuários das magias, recheadas com farofas, distribuições de vatapás e queima de velas coloridas, no interior da residência. Além do uso de incensos de baixo poder vibracional, ocasião em que Leda aproveitava este ritual para fragilizar as pessoas e aproveitar-se delas financeiramente. E neste patamar vibracional fazia algumas magias, para reter Zaíra próxima de si.

Diante deste quadro, procurou-se despertar na cliente, a necessidade de ter uma convivência mais digna, dentro do respeito, da amorosidade e da solidariedade. No caso, partir para o diálogo, de preferência sem brigas e violências, para tentar manter a relação, pois até este momento do processo terapêutico, Zaíra relatava que tinha esperanças, e alimentava a idéia de oficializar este relacionamento. Entendia que, num futuro distante, encontrar-se-ia às núpcias, com sua companheira e que já tinha feito a sua opção, ficar com ela para o resto da sua vida, embora ela a tratasse desumanamente. Com o decorrer do trabalho esta visão mudou.

Como consequência destas situações adversas na vida de Zaíra e dos efeitos do comportamento de Leda sobre ela, várias dificuldades psicossociais e emocionais perturbaram a cliente Contribuindo para que ela se tornasse exaurida, fragilizada, desconectada e fora do seu eixo psicofísico. Fatos que torpedeavam seu crescimento social, psicológico e espiritual, ao ponto de não conseguir realizar exercícios físicos e nem raciocinar com criatividade e dignidade.

Todas estas questões deixavam-na numa situação complicada, conflitada e angustiante. Vivia depressiva, sozinha, espezinhada, amargurada e não tinha amigos com os quais podia

compartilhar e trocar idéias, pois Leda não permitia que a mesma tivesse amigos, por causa dos ciúmes exacerbados.

4.5 Vivenciando seu Processo de Individuação

Jung pontua que a individuação e o fortalecimento do Ego, são ferramentas básicas com as quais o terapeuta trabalha para curar e elevar a auto-estima da clientela. Atento a não perder de vista o direcionamento de apoiar o cliente na elaboração do seu processo criativo e transformador. A individuação contribui sobremaneira para que o ser humano entre nos aspectos a sua unicidade interior. E assim se expressa o cientista das causas profundas:

A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma da nossa unicidade, a mais íntima [...]; trata-se da realização de seu si-mesmo... (JUNG, 2006, p.489).

De fato entendemos que, no processo de individuação, a auto-cura é complementada por um ego cientificamente fortalecido. Significa dizer um ego consciente e organizado para perceber avaliar e decidir. O Ego foi o nome dado por Jung à organização da mente consciente, cuja composição está presente as percepções conscientes, recordações, pensamentos e sentimentos, sendo altamente seletivo. O ego fornece à personalidade identidade e continuidade, em vista da seleção e da eliminação do material psíquico que lhe permite manter uma qualidade contínua de coerência na personalidade individual. Embora ocupe uma pequena parte da psique total, o ego desempenha a função básica de vigia da consciência. Funciona, também, como um filtro ou uma destilaria, isto é, torna-se um guardião da consciência. Neste processo observem a concepção de um físico, com formação Junguiana quando indagamos sobre o 'estado desperto' do ser humano:

A consciência representa o 'estado desperto' em cujo centro se encontra o Eu (Ego). O Ego dá um sentido de consciência e direção a nossa vida consciente, pois se trata do complexo central no campo da Consciência cuja função básica é a vigilância da mesma. Assim, o Ego, Consciência é a parte da psique constituída de sentimentos, lembranças e pensamentos facilmente acessíveis, além de prover identidade e continuidade. O mesmo é o responsável por manter uma coerência na personalidade do indivíduo (CAMPOS, 2010, p.2).

No início do acompanhamento psicoterápico, Zaíra vivia a contemplar a sua Persona, as suas sombras que, ao longo do processo de individuação foram paulatinamente assumidas e conscientizadas para dar lugar há uma nova mulher, com o Ego bem mais fortalecido. Observem o que significam este conceito na psicologia analítica:

A persona designa originalmente, no teatro antigo, a máscara usada pelos atores. [...] é o sistema de adaptação ou a maneira por que se dá a comunicação com o mundo. Cada estado ou cada profissão, por exemplo, possui sua persona característica... O perigo está, no entanto, na identificação com a persona; o professor com seu manual, o tenor com a sua voz.

“Pode-se dizer, sem exagero, que a persona é aquilo que não é verdadeiramente, mas o que nós mesmos e os outros pensam que somos” (Jung,2006 p.492).

Por outro lado, durante todo e qualquer seguimento da sociedade, o ser humano lida diretamente com suas sombras. Contudo é somente no vivenciar de um acompanhamento terapêutico que ele toma consciência dessa parte inferior da sua personalidade. Jung pontua que a sombra representa a parte inferior da personalidade. É a soma de todos os elementos psíquicos pessoais e coletivos que, incompatíveis com a forma de vida conscientemente escolhida, não foram vividos e se unem ao inconsciente, formando uma personalidade parcial, relativamente autônoma, com tendências opostas às do consciente. A sombra se comporta de maneira compensatória em relação à consciência. Sua ação pode ser tanto positiva como negativa. Portanto, observem como ela se manifesta no existir humano:

A sombra personifica o que o indivíduo recusa conhecer ou admitir e que, no entanto, sempre se impõe a ele, direta ou indiretamente, tais como os traços inferiores do caráter ou outras tendências incompatíveis [...]. A sombra é aquela personalidade oculta, recalcada, frequentemente inferior e carregada de culpabilidade cujas ramificações extremas remontam ao reino dos nossos ancestrais animais, englobando também todo o aspecto histórico do inconsciente [...] precisamente a sombra, não é composto apenas de tendências moralmente repreensíveis, mas também de um certo número de boas qualidades, instintos normais, reações apropriadas, percepções realistas, impulsos criadores, etc. (JUNG, 2006, p.496).

Ainda perseguindo o fortalecimento do ego foi que, Zaíra compreendeu através do princípio da individuação que, a cada dia o seu crescimento individual e evolução espiritual se concretizavam E de acordo com esse vivenciar terapêutico e sutil a cliente se tornou mais

fortalecida a ponto de não se deixar sabotar pelo seu inconsciente, partindo para a conquista dos seus ideais.

Na psicologia Analítica, os processos oníricos comunicam de forma ingênua, o que somos e o que pensamos quando sonhamos, pois o ato de sonhar faz parte do existir do ser humano e que não mentem, não deformam e não encobrem. E neste período de tratamento terapêutico, a cliente sonhava diariamente As suas noites cósmicas eram permeadas pela movimentação das águas do oceano. Ou num local cósmico no qual certamente a Zaíra mergulhava na sua inconsciência.

Em relação aos processos oníricos a cliente descreveu que nas suas noites mal dormidas os seus sonhos eram carregados de pesadelos e assombrações, envolvendo cenas horripilantes, nas questões arquetípicas do seu inconsciente, e que por assim dizer representavam certamente as suas memórias ancestrais. Os arquétipos são conteúdos do inconsciente coletivo. A palavra arquétipo significa um modelo original que conforma outras coisas do mesmo tipo. Confirmam estas representações na citação abaixo:

As imagens arquetípicas em sonhos indicam muitas vezes uma mudança de rumo no desenvolvimento do ego ou compensam uma estrutura do ego formada de modo inadequado. Como existe um modelo arquetípico por trás de todo e qualquer complexo, é sempre possível ampliar qualquer motivo na direção de seus alicerces arquetípicos. A ampliação arquetípica, entretanto, deve ser usada como comedimento no contexto clínica (HALL, 2007, p.95).

Como consequência de não conseguir ter um sono com qualidade, Zaíra diariamente amanhecia exaurida, sem forças, sugada e esgotada energeticamente, por conta das cobranças por sexo e destes pesadelos, que a atingiam nas caladas das noites cósmicas.

Neste caso, compreende-se que a cliente entrou no processo de ‘inflação’, que segundo Jung (2006, p.490), significa:

[...] a expansão da personalidade além dos seus próprios limites, pela identificação com um arquétipo ou com a persona e, em casos patológicos, com uma personalidade histórica ou religiosa. A inflação tem por imagem a rã que pretende tornar-se um boi. Desenvolve-se um sentido exagerado da importância pessoal; comumente, esta última, é compensada por um sentimento de inferioridade.

Zaíra narrou que estas noites mal dormidas, eram horripilantes, e igualmente recheadas com frequentes pesadelos que a deixavam traumatizada, por ter que dormir juntamente com Leda. Revelou que não conseguia mais dormir no mesmo quarto com ela.

Jung (2006) conceitua que os traumatismos psíquicos, são acontecimentos que afetam bruscamente o ser humano e ou um ser vivo, tal qual o desgaste experienciado quando acometido por um choque ou ainda um terror, medo, desgosto ou sentimentos de vergonha.

Zaíra foi advertida a pensar em dormir em quartos separados, esta escolha foi aprovada e aceita por ambas, mediante bastante diálogo. Era uma medida importante, de se precaver energeticamente contra estas vibrações malévolas, de baixo poder vibracional, pois ela vivia sutilmente manietada pelas sintonias vibracionais de baixa frequência, oriundas de Leda, que vibrava distante dos reflexos da luz divina. Esta resolução melhorou de modo considerável as energias sutis de Zaíra e do interior da residência.

Durante este processo de dormir em quartos separados, Zaíra foi recomendada e orientada a conciliar o sono cuidando mais da sua energia sutil, alinhar seus chakras praticar meditações e imaginação criativa a fim de se fortalecer espiritualmente e promover a evolução das energias do seu campo magnético.

Para conciliar o sono, foi auxiliada a manter alinhamento dos seus corpos sutis (chakras) e fazer aterramentos para melhorar o seu campo áurico. A sugestão veio a calhar, porque felizmente a cliente é Reikiana, nível I e II, e por si resolveu desempenhar esse papel com segurança, em busca da sua cura.

A meditação que Zaíra passou a praticar contribuiu para conversar com o seu eu interior e encontrar um caminho para as suas ações promocionais, tendo em vista viver com mais dignidade, maestria e qualidade de vida.

Na Psicologia Transpessoal a prática de meditações é uma ferramenta importante na cura do corpo físico e sutil. De acordo com Levey e Levey (1999, p.37),

A meditação abre a mente para o maior dos mistérios que acontece diariamente e toda hora; ela expande o coração para que ele possa sentir a eternidade do tempo e a

infinidade do espaço em cada pulsação; nos provêm uma vida dentro do mundo que é como se estivéssemos nos movimentando no paraíso [...].

De conformidade com os atendimentos terapêuticos realizados com a cliente, foi identificada nela, algumas posturas que dificultavam o seu processo existencial. Entre eles o homossexualismo, a prostituição e o vampirismo energético.

Em consonância com Jung (2006, p.483),

Dois conceitos configuram os relacionamentos humanos- a Anima e o Animus, são personificações da natureza feminina, do inconsciente do homem, e da natureza masculina, do inconsciente da mulher. Tal bissexualidade psíquica é o reflexo de um fato biológico; o maior número de genes, masculino (ou feminino), determina os sexos. Um número restrito de genes do sexo oposto parece produzir um caráter correspondente ao sexo oposto, mas, devido à sua inferioridade, usualmente permanece inconsciente [...] Desde a origem, todo homem traz em si a imagem da mulher; não a imagem desta ou daquela mulher, mas a de um tipo determinado. Tal imagem é, no fundo, um conglomerado hereditário inconsciente, de origem remota, incrustada no sistema vivo, tipo de todas as experiências da linhagem ancestral em torno do ser feminino, resíduo de todas as impressões fornecidas pela mulher, sistema de adaptação psíquico herdado. O mesmo acontece quanto à mulher. Ela também traz em si uma imagem do homem. A experiência mostra-nos que seria mais exato dizer: uma imagem de homens, enquanto que no homem se trata em geral da imagem da mulher; sendo inconsciente esta imagem é sempre projetada inconscientemente no ser amado; ela constitui uma das razões essenciais da atração passional e de seu contrário.

Portanto, durante o processo terapêutico, foi constatado pela cliente, que havia nela dois sentimentos em desarmonia, a anima e o animus, por conta dela aceitar uma convivência com uma mulher, no caso, uma lésbica não assumida, diante do mundo e do Universo.

Para o cientista das causas profundas os conceitos acima referidos, consistem em estabelecer estreitas relações entre a ‘consciência individual’ e o inconsciente coletivo’. Acatando as concepções do cientista entendemos que as manifestações arquetípicas, por exemplo, têm um aspecto negativo e um positivo no existir humano.

Em relação à prostituição de Zaíra, foi configurada que ela aceitou morar com Leda no mesmo teto, a troco de casa e comida. A partir disso, Leda explorava sexualmente a cliente obrigando-a a fazer sexo quando somente ela queria, não respeitando o momento de Zaíra. Portanto, uma relação onde era explícita a energia sexual, desprovida de qualquer sentimento de amorosidade, ausência de responsabilidade e valores morais.

De acordo com a Wikipédia a prostituição no Brasil pode ser definida como a troca consciente de favores sexuais, por interesses não sentimentais afetivos ou prazer⁴.

Na questão do Vampirismo energético, a cliente vivenciava o sugamento de modo sutil, das energias vitais do seu campo áurico⁵. De acordo com Brennan (2006), as pessoas que convivem no mesmo espaço físico podem a vir sugar as energias das outras, consciente ou inconscientemente. Este processo pode ocorrer mesmo à distância. A configuração da invasão dos espaços vitais é sentida pelas pessoas mais sensíveis, sensações de arrepios, bocejos, mãos frias, náuseas e outros sintomas do gênero. As noites mal dormidas e o despertar na manhã seguinte sem energia e sinais de cansaço eram as consequências deste vampirismo energético sofrido por Zaíra. Então para os estudiosos dos temas vibracionais o espaço físico exerce grandes influencias no interagir das pessoas de modo positivo ou negativo. Haja vista a concepção abaixo descrita quando advertem:

A energia do espaço em que vivemos exerce uma grande influência sobre o nosso campo áurico. Todos os espaços têm energia [...]. Todas essas energias se acumulam na sala, quer sejam, saudáveis ou doentias [...]. Quanto mais um espaço é usado com a mesma energia, pelas mesmas pessoas e para um determinado propósito, mais esse espaço fica carregado com a energia desse objetivo (BRENNAN, 2006, p.182).

5 UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO

De acordo com a teoria Junguiana o colapso da orientação consciente não é assunto negligenciável. Corresponde a um fim de mundo em miniatura, como se tudo voltasse de novo ao caos original. De acordo com esta visão o indivíduo desconectado do Sí-mesmo sente-se abandonado, desorientado, como um barco sem leme e entregue ao capricho dos elementos. Pelo menos assim parece. Na realidade, porém, foi percebido que a cliente mergulhou de novo no inconsciente coletivo, e assumiu a direção dos seus projetos de vida. Poderemos multiplicar os exemplos dos casos em que no momento crítico do processo Zaira, um pensamento ‘salvador’, uma visão, uma ‘voz intensa’ imprimem uma nova direção à vida dela, com um poder de convicção irresistível. Na teoria Junguiana este pensar assim se

⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Prostituição>. Acessado em: 08/05/2010.

⁵ A comunicação entre as pessoas dar-se-á através das pulsações e ou através de influências mútuas. Um campo áurico mais forte tende a influenciar outro campo com uma frequência inferior. Muitas vezes essas interferências se manifestam conscientemente, através de sentimentos de amorosidade ou de repulsas. Portanto, não é fácil lidar com alguém que vibre numa frequência diferente da nossa. Nesse caso, o campo áurico fica prejudicado, nada acontece e nem flui (Brennan, 2006).

resume: a individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual, que é a unicidade última e irrevogável, é a realização do si mesmo. O Si Mesmo, é pontuado por Jung, como o arquétipo central da ordem e da totalidade do homem e foi simbolicamente representado na psicologia Analítica pela circunferência, pelo quadrado, pelo quaternio, pela criança ou pela mandala.

Neste caso, o cientista considera o círculo uma realidade que pontua como sobre ordenada. Quer dizer, uma realidade que abrange a psique consciente e inconsciente, que somadas constituem uma personalidade mais ampla que também somos. Observem na citação a seguir a concepção dos estudiosos da mente humana:

A personalidade como um todo é denominado psique. Esta palavra latina significa originalmente 'espírito' ou 'alma', tendo, porém, passado nos tempos modernos a significar mente, como em psicologia, a ciência da mente. A psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos tanto os conscientes como os inconscientes. Funciona como um guia que regula e adapta o indivíduo ao ambiente social e físico (HALL e NORDBY, 2005, p.27).

Com o caminhar da sua individuação, Zaíra entendeu e assimilou dados importantes das qualidades coletivas de um ser humano como, por exemplo, a liberdade de escolha, de expressão e respeito individual, os quais foram integrados paulatinamente na sua vida. Percebeu seus valores pessoais, morais e intelectuais, bem como sua competência, inteligência e capacidade para trabalhar. Este movimento fez com ela tivesse uma qualidade de vida mais digna e contribuísse para a realização de si mesma.

Conscientizou-se dos seus mecanismos de defesa, de suas Sombras e de suas Personas e que precisaria mudar suas formas/pensamento, para viver uma vida mais saudável. Para isso, tornava-se necessário mudar o rumo da sua vida, auto-determinar e tornar-se mais fortalecida, leve e autêntica, para fazer suas escolhas.

Compartilhou que estava se sentindo mais centrada e protegida energeticamente, mais reflexiva, com relação à sua individualidade e aos seus direitos e deveres individuais, como pessoa para interagir numa sociedade competitiva.

Os seus gestos e as suas formas de expressões, as de agir e de pensar a vida, culminaram de certa forma com a melhoria das suas ações, sua auto-estima, seu emocional e seu espiritual cresceram. Reflitam sobre esta linguagem simbólica no interagir-terapeuta/cliente.

O conhecimento dessa linguagem simbólica dá condições ao médico de ajudar seu cliente a sair da estreiteza, muitas vezes angustiante, de uma compreensão exclusivamente personalística de si, e livrá-lo da prisão egocêntrica, que até agora lhe encobria a perspectiva dos horizontes mais amplos de sua evolução social, moral e espiritual (JUNG, 2007, prefácio).

Zaíra suportou todas as exigências de Leda, postura que resolveu mudar ao se dispor a encontrar respostas aos seus questionamentos. A primeira providência foi refletir sobre o seu relacionamento com Leda.

Este estado de consciência foi a ponta do iceberg para a cliente buscar outros mundos, libertar-se da diferença de idade, das diferenças individuais e morais, que a distanciava de Leda. Isso era o cerne da resolução dos problemas na vida de Zaíra e representava o movimento de se libertar das correntes do mal para alcançar a luz.

Compreendeu que estava cansada de ser maltratada e infeliz com o relacionamento e que a idéia de ficar com a companheira, até os seus últimos dias de vida, como apregoava, não resolveria o seu problema, tratava-se de uma ilusão. Passou a entender que vivia dentro de uma relação conflitada, descomprometida, doentia e sem futuro. Seria atestar o retrocesso da sua vida, perante si mesma, perante o mundo e igualmente perante Universo. Entendeu também que continuando com esta relação conflitada seria o fim da sua vida e ficar sem Leda não a amedrontava mais.

Entendeu que se continuasse com este relacionamento, herdaria de futuro somente uma mulher idosa, que a transformaria numa enfermeira caseira, para administrar suas medicações e para não ficar só, pois os seus filhos não a consideravam para nada, muito menos apoiá-la no caso das futuras emergências na saúde.

Compreendeu também, que casamentos homossexuais ainda não estão oficializados por leis brasileiras e não podia oficializar juridicamente com a sua namorada, além dela estar legalmente casada com outra pessoa.

No plano religioso, oficializou-se como membro da Igreja Messiânica, buscando apoio espiritual compatível com a sua realidade psicofísica, pois juntamente com a psicoterapia, encontrou espaços suficientes para suas reflexões e seus questionamentos como o objetivo de querer mudar o rumo da sua existência.

Zaíra passou por cima de todos seus obstáculos e com bastante força deu um ponto final a este relacionamento. Sincronicamente recebeu um convite de amigos de Portugal para realizar cursos de estética neste país a fim de se capacitar mais como profissional, com hospedagem e local de trabalho estruturado.

Segundo o cientista de Zurique, a sincronicidade é um princípio de conexões causais, que versa sobre os instintos humanos ou arquetípicos.

O princípio filosófico em que baseio a minha concepção das leis naturais é o da causalidade. Se o nexa entre causa e efeito é apenas estatisticamente válido e só relativamente verdadeiro, o princípio da causalidade, em última análise só pode ser utilizado de maneira relativa para explicar os processos naturais e, por conseguinte, pressupõe a existência de um ou mais fatores necessários para essa explicação. Deste modo, entende-se que as coincidências no existir humano sempre ocorreram. O fato de pensarmos em alguém e de repente este alguém entrar em contato conosco pelo telefone ou pessoalmente, configura-se um movimento sincronístico (JUNG, 2007, p.1).

De acordo com este princípio, Zaíra conseguiu recuperar de Leda a quantia de vinte mil reais, medida suficiente para sair do País e morar em Portugal. Este dinheiro foi fruto de uma poupança dela, conseguida através da venda de um grupo de máquinas de costura industrial quando trabalhou com a sua irmã gêmea.

Na época que Zaíra ganhou este dinheiro, Leda, manipulando-a, a fez emprestá-lo para o seu irmão, que quase deu o calote em Zaíra. Com esse empréstimo ela sofreu algumas perdas monetárias, mas recuperou uma parte na justiça, o que lhe facilitou a saída do Brasil para Portugal.

Leda manifestou a sua intolerância a saída de Zaíra da sua casa para viver num outro país, mas Zaíra saiu de casa, deixando Leda deveras abalada. Foi a partir daí que Leda começou a realizar processos chantagistas dizendo que morrer a qualquer momento, caso ela ficasse ausente da sua vida e a jurou de morte, caso resolva se envolver emocionalmente com alguém

do sexo masculino. Zaíra não temeu o confronto com Leda nem com as suas chantagens e tomou a sua direção. Colocou seus pertences na casa dos pais e seguiu para Portugal, terminando este relacionamento.

Após um tempo do término da terapia, a cliente mandou notícias de que estava casada com um jovem de nacionalidade portuguesa e grávida novamente, de um menino, e que iria continuar residindo em Portugal.

Então, a cliente partiu para relacionamento heterossexual, onde buscou uma nova relação e com outras conotações, como o exercício do diálogo e do respeito mútuo. Com características de uma relação consciente de outra estrutura de vida a dois, como da qual esteve divorciada há vários anos.

O processo terapêutico realizado com Zaíra possibilitou-a desenvolver suas potencialidades, crescer, evoluir e amadurecer como verdadeira autora da sua história. Passou a mudar suas formas/pensamento, reservando alguns momentos da sua vida para refletir sobre o vivenciar sutil da sua realidade psicofísica, sobre o mundo e sobre o Universo. Portanto, foi uma terapia que deu certo.

6 CONCLUSÃO

Um dos primeiros passos para o conhecimento de si próprio é tratar das suas neuroses. Sem este processo o ser humano não se realiza na sua inteireza e completude, como um ser pensante e sujeito da sua história. Neste caminhar sutil, Jung sugere que o terapeuta trabalhe no seu cliente as possibilidades de levá-lo à consciência os seus complexos inconscientes.

Ora partindo desta concepção entendemos que estes complexos emergiram para a consciência de Zaíra fazendo com que os seus pensamentos, ações e fala ficassem cada vez mais presentes em sua vida. Permitindo-a direcionar seus projetos com cautela, percepção e segurança, isto é, fortalecida na sua integridade máxima como mulher.

Neste contexto, entende-se que Zaíra teve a consciência de vivenciar o seu processo de individuação enfrentando as armadilhas do seu inconsciente. Ficou atenta aos seus

mecanismos de defesa, suas personas e às suas sombras, as quais poderiam emergir a qualquer momento, se ela não observasse os seus sinais. Para se auto-ajudar ela continuou praticando as técnicas Transpessoais ensinadas e vivenciadas durante o tratamento psicológico.

Podemos perceber dois momentos diferentes na vida de Zaíra durante o processo terapêutico: o primeiro momento refere-se à sua individuação, e o segundo, quando finalizou este processo.

No primeiro momento, Zaíra vivia um processo individual bastante complicado. Não tinha casa própria, morava de favor e vivia num emprego que não era compatível compatível com as suas credenciais, e vivia desconectada da sua realidade psicofísica; Por outro lado desrespeitada também na sua individualidade.

No segundo momento, como resultado das intervenções terapêuticas, reverteu seu quadro clínico. Voltou a sorrir e encontrou a alegria de viver, longe das suas crises de dissociação de idéias e do relacionamento arrebatador. Suas idéias voltaram a fluir, reconectou-se com o seu Eu Interior e tornou-se a autora da sua história de vida, sabendo direcionar suas escolhas, projetos e ações, com consciência e segurança.

Conseguiu colocar em prática o que foi percebido em relação às mudanças da sua forma/pensamento, para viver uma existência com mais qualidade de vida. Tornou-se mais fortalecida, leve e autêntica.

A terapia conseguiu direcionar e apoiar a sua vida ordenadamente para que ela encontrasse o caminho da sua originalidade, de poder ser mais numa sociedade competitiva e cheia de mistérios.

Durante o processo de individuação a cliente libertou-se da dependência psicológica da sua companheira, pois não mais se deixou manipular por Leda.

Portanto, os resultados positivos alcançados pelo processo terapêutico, foram norteados pela Teoria Junguiana, métodos e técnicas da Psicologia Transpessoal, como o alinhamento de chakras, meditação, visualização criativa e aplicação do Reiki Usui. Podemos dizer que a psicoterapia de Zaíra se resume na seguinte frase:

“Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou!”

Jung

REFERÊNCIAS

- BLEGER, José. *Temas de Psicologia: entrevista e grupos*. Trad. Rita M. de Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BRENNAN, Barbara Ann. *Luz Emergente: a jornada da cura pessoal*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- CAMPOS, Hélio. *Elementos Conceituais da Psicologia Junguiana*. Salvador, 2010.
- CAPRA, Fritjal. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summud, 1989.
- FERREIRA, Aurino Lima; BRANDÃO, Eliége Cavalcanti; MENEZES, Salete. *Psicologia e psicoterapia transpessoal: caminhos de transformação*. Recife: Editora Comunigraf, 2005.
- FREUD, Sigmund. *Repetir, recordar e elaborar*. Trad. J.O.A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969. XII v.
- GILLIÉRON, Edmond. *A primeira entrevista em psicoterapia*. São Paulo: Editora Loyola, 1996.
- GROF, STANISLAV. *Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas da consciência*. 1. ed. Niterói: Heresis, 2000.
- _____. *A mente holotrópica: novos conhecimentos sobre psicologia e pesquisa de consciência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HALL, Calvin; NORDBY, V.J. *Introdução à Psicologia Junguiana*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- HELLINGER, Bert. *Religião, psicoterapia e aconselhamento espiritual*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- JUNG, Carl Gustav. *A prática da psicoterapia*. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes Petrópolis, 2007.
- _____. *Memórias, sonhos, reflexões*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

_____. *Energia psíquica*. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes Petrópolis, 2007.

_____. *O Eu e o Inconsciente*. 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes Petrópolis, 2007.

_____. *Sincronicidade*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes Petrópolis, 2007.

LEVEY, Joel; LEVEY, Michelle. *O poder da meditação: um manual para o bem-estar e o relaxamento*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2004.

LELUP, Jean-Iyves. *O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial*. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

RISSO, Mario Rodriguez. Entrevista: *Terapia para todos: um direito da sociedade atual*. Bahia Norte. Psique, Salvador, 2009

SILVEIRA, Nise. *Jung: vida e obra*. 18. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, Rio de Janeiro 2001.